Revista Macambira

A língua dos bastardos vítimas do colonialismo português

Josimar Santana Silva[1]*

RESUMO

Durante a colonização, os portugueses impuseram aos povos africanos sua língua e cultura, tentando suprimir as línguas e tradições locais. No entanto, as populações africanas mostraram resiliência, adaptando e integrando elementos do português em suas próprias línguas. Assim sendo, o presente trabalho tem como objetivo apresentar um breve histórico sobre as línguas autóctones africanas subjugadas como inferiores pelos colonizadores no continente africano e no Brasil. Trata-se de um estudo teórico, desenvolvido através de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema aqui proposto. Os resultados mostraram que a cultura africana está enraizada no Brasil e, prova disso, está nas marcas lexicais apresentadas aqui. Foi possível concluir que a língua dos bastardos, ou seja, as línguas africanas subjugadas pelos colonizadores, ainda resistem não somente nas regiões africanas onde o colonizador português chegou, mas também no Brasil.

Palavras-chave: Línguas. Bastardos. Africanos. Resistência. Léxico.

The language of bastards victims of portuguese colonialism

ABSTRACT

During the colonization, the Portuguese imposed their language and culture on African peoples, attempting to suppress local languages and traditions. However, African populations showed resilience by adapting and integrating elements of Portuguese into their own languages. Thus, the present study aims to provide a brief historical overview of how native African languages were subjugated an deemed inferior by the colonizers in African continent and Brazil. It is a theoretical study, developed through bibliographical research on the theme proposed here. The results showed that African culture is rooted in Brazil, as evidenced by the lexical marks presented here. It was possible to conclude that the language of bastards, ie, the African languages subjugated by the colonizers, still resist not only in the African regions where the Portuguese colonizer arrived, but also in Brazil.

Keywords: Languages. Bastards. Africans. Resistance. Lexicon.

La lengua de los bastardos víctimas del colonialismo portugués

RESUMEN

Durante la colonización, los portugueses impusieron su lengua y cultura a los pueblos africanos, intentando suprimir las lenguas y tradiciones locales. Sin embargo, las poblaciones africanas mostraron resiliencia, adaptando e integrando elementos del portugués a sus propias lenguas. Así, el presente trabajo tiene como objetivo presentar una breve historia sobre las lenguas africanas nativas subyugadas como inferiores por los colonizadores en el continente africano y en Brasil. Se trata de un estudio teórico, desarrollado a través de una investigación bibliográfica sobre el tema aquí propuesto. Los resultados mostraron que la cultura africana tiene raíces en Brasil y, prueba de ello, está en las marcas léxicas aquí presentadas. Fue posible concluir que la lengua de los bastardos, es decir, las lenguas africanas subyugadas por los colonizadores, aún resisten no sólo en las regiones africanas donde llegó el colonizador portugués, sino también en Brasil.

Palabras clave: Lenguas. Bastardos. Africanos. Resistencia. Léxico.

INTRODUÇÃO

[1] Mestre e doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Especialista em Estudos Sociais e Humanidade pela Universidade Aberta do Brasil (UAB/UNEB). Especialista em Educação do Campo pelo Instituto Federal Baiano, campus Serrinha. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2897-3480. Lattes: http://lattes.cnpq.br/0554485171165028. *Autor correspondente: josimar.santanna.silva@gmail.com.

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1420

Antes de começarmos a seção introdutória, é importante destacar que o uso do termo "bastardo", neste contexto, não visa perpetuar a inferiorização, mas sim refletir a perspectiva do colonizador sobre os africanos e suas línguas. Os colonizadores consideravam os povos africanos como "bastardos", um termo que descreve o que viam como uma mistura indesejada de culturas e tradições que não se alinhavam aos valores europeus. Essa visão distorcida foi um instrumento de opressão, usado para justificar a dominação e a imposição linguística. Ao utilizar esse termo, buscamos evidenciar a mentalidade colonial e suas consequências, sem, contudo, endossar essa visão pejorativa[2].

O processo de colonização portuguesa no Brasil envolveu uma série de imposições culturais e linguísticas sobre os povos nativos. Tanto os indígenas quanto os africanos trazidos como escravos sofreram tentativas sistemáticas de erradicação de suas línguas e culturas. Os colonizadores portugueses viam as línguas nativas como inferiores e procuraram substituí-las pelo português, como forma de consolidar seu domínio e controle.

Os povos indígenas, com suas diversas línguas, foram forçados a aprender e usar o português, muitas vezes por meio de métodos coercitivos. As missões religiosas desempenharam um papel crucial nesse processo, ensinando o português como parte de seus esforços de conversão e "civilização". Esta imposição linguística teve impactos profundos, levando à perda de muitas línguas indígenas e à transformação de outras.

A política linguística do Marquês de Pombal, implementada durante o século XVIII, teve um impacto profundo na formação linguística do Brasil colonial. Com o objetivo de consolidar o poder português e centralizar a administração colonial, o Marquês de Pombal decretou uma série de medidas para impor o uso exclusivo do português, tanto nas colônias quanto em Portugal.

Uma de suas ações mais notáveis foi a expulsão dos jesuítas em 1759, que até então haviam promovido o uso das línguas indígenas por meio das missões religiosas. Pombal ordenou a substituição dessas línguas pelo português como idioma oficial nas atividades administrativas, educacionais e religiosas.

Embora essa imposição também tenha ocorrido em detrimento das línguas indígenas, o presente estudo fará um recorte específico em relação às línguas africanas, visto que os negros africanos trazidos ao Brasil para serem escravizados também sofreram com a imposição do português.

[2] O termo "bastardo" aqui não está sendo empregado de forma pejorativa, mas sim para ilustrar a perspectiva dos colonizadores portugueses sobre os negros durante a colonização. Os colonizadores muitas vezes viam os negros, suas culturas e suas línguas como bastardas, no sentido de serem consideradas ilegítimas ou inferiores, não pertencentes ao padrão europeu. Essa visão depreciativa refletia a ideologia colonial que marginalizava e desvalorizava as culturas africanas e indígenas, tratando-as como misturas indesejadas e impuras em relação à cultura europeia. Assim, o uso do termo "bastardo" no título busca destacar essa percepção colonialista e as injustiças históricas sofridas pelos negros sob o domínio português.

ISSN: 2594-4754 | DOI: https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1420

Dito isso, pode-se afirmar que o período da colonização, um dos mais violentos e transformadores da história mundial, deixou marcas profundas nas sociedades colonizadas, particularmente nas culturas e línguas africanas. Durante esse período, a imposição das línguas europeias sobre as línguas nativas africanas resultou em uma complexa dinâmica de poder e identidade. As línguas africanas, muitas vezes relegadas a um *status* inferior, foram tratadas como "bastardas" pelos colonizadores, refletindo a visão distorcida e discriminatória imposta sobre os povos africanos.

Ao longo do processo de colonização, os europeus impuseram suas línguas e culturas aos povos africanos, transformando as tradições e línguas autóctones. Essa imposição linguística não foi apenas uma ferramenta de dominação, mas também um meio de controlar e manipular as identidades culturais dos colonizados. Essa desvalorização sistemática das línguas africanas teve consequências duradouras, impactando a autoestima e a identidade cultural dos povos africanos, não somente daqueles que vieram ao Brasil, mas também nas nações que foram colonizadas pelos europeus.

A resistência linguística dos africanos, no entanto, não pode ser ignorada. Apesar das tentativas de glotocídio[3], muitas comunidades africanas conseguiram preservar suas línguas e tradições culturais. Essa resistência é um testemunho da resiliência e da força dos povos africanos em manter sua identidade frente à opressão. A preservação das línguas africanas, mesmo que em contextos muitas vezes marginalizados, representa uma forma de resistência e afirmação cultural. No entanto, o legado da colonização ainda se faz sentir, com muitas dessas línguas enfrentando desafios significativos para sua sobrevivência e reconhecimento.

Assim sendo, é importante perceber que o impacto da colonização nas línguas africanas também se manifesta na formação de novas variedades linguísticas, como os crioulos e pidgins, que surgiram como meios de comunicação entre os colonizadores e os colonizados. Essas línguas, frequentemente desprezadas como "bastardas", são, na verdade, exemplos ricos de inovação linguística. Elas representam a capacidade dos povos africanos de criar formas de expressão e comunicação, mesmo em contextos de opressão.

Diante disso, o presente artigo tem como objetivo apresentar um breve histórico sobre as línguas autóctones africanas subjugadas como inferiores pelos colonizadores no continente africano e no Brasil. Trata-se de um estudo teórico desenvolvido por meio de uma pesquisa

[3] Segundo Lucchesi (2006), glotocídio refere-se ao processo sistemático de extinção de uma língua como consequência de políticas de dominação cultural e linguística, muitas vezes implementadas por estados colonizadores ou governos autoritários. Esse termo captura a ideia de que a erradicação de uma língua não é um fenômeno natural ou acidental, mas sim um ato deliberado de aniquilação cultural, pela qual a imposição de uma língua dominante resulta na supressão e eventual desaparecimento de línguas minoritárias ou subalternas. Lucchesi destaca que o glotocídio envolve não apenas a perda de um meio de comunicação, mas também a destruição de identidades culturais e conhecimentos ancestrais que são intrinsecamente ligados à língua.

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1420

bibliográfica sobre o tema aqui proposto. Além da seção introdutória, apresentam-se discussões acerca das línguas autóctones africanas, que por muito tempo foram estigmatizadas e inferiorizada pelos colonos portugueses; na seção seguinte, apresentam-se reflexões sobre essas línguas no território brasileiro e, logo após, mostram-se dados lexicográficos corroborando a presença do léxico de origem africana presente na variedade do português falado no Brasil.

AS LÍNGUAS DOS BASTARDOS AFRICANOS VÍTIMAS DO COLONIALISMO PORTUGUÊS

Atualmente, a África possui um dos maiores acervos linguísticos do mundo. Isso se deve ao fato de o continente abrigar mais de 2 mil línguas nativas (Petter, 2015), além das línguas provenientes da colonização, como o português, falado em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

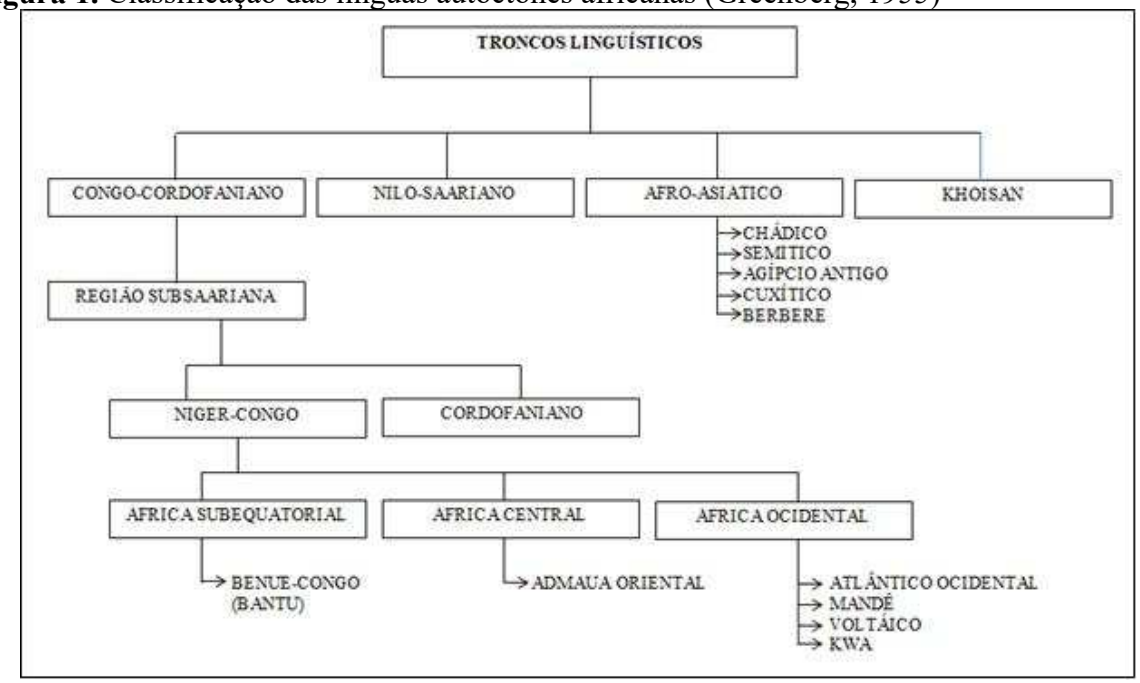
De acordo com Silva (2021), a África é marcada por um forte multilinguismo, haja vista que a coexistência de diversas línguas e variedades linguísticas no mesmo espaço proporciona uma singular e complexa forma de enxergar a cultura e marcar a realidade linguística do seu território diante do mundo.

Existem diversos grupos linguísticos na África; no entanto, o grupo bantu, o primeiro a ser estudado cientificamente, sempre despertou a curiosidade dos pesquisadores devido aos seus diversos traços comuns presentes em diferentes línguas. É importante destacar que o termo "bantu" foi utilizado por Bleek em 1862 para nomear a família linguística que ele descobriu, composta por inúmeras línguas de um mesmo tronco. Posteriormente, o termo foi utilizado por outros pesquisadores de áreas diferentes para designar indivíduos que habitavam território situado abaixo da Linha do Equador (Castro, 2001).

Em 1955, Greenberg classificou essas línguas dos bastardos na África (Figura 1), afirmando que as línguas do grupo bantu e as sudanesas ocidentais não apenas compartilhavam semelhanças superficiais, mas pertenciam a uma única família, denominada Níger-Congo (Castro, 2001). Nessa classificação, Greenberg identificou quatro troncos linguísticos presentes na África, cada um subdividido em grandes famílias, com diversos ramos, grupos e subgrupos. Os estudos duraram quase quinze anos para estabelecer uma classificação válida de todas as línguas da África.

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1420

Figura 1. Classificação das línguas autóctones africanas (Greenberg, 1955)



Fonte: adaptado de Castro (2002, p. 35)

O **Congo-Cordofaniano**, segundo Castro (2002), abriga mais de mil línguas faladas por inúmeros africanos. Ocupa um vasto território que vai desde a direção sul do Saara ao cone sul-africano, do Atlântico ao Pacífico. Para Kukanda (2020), esse tronco linguístico divide-se em duas grandes famílias: a) **Níger-Congo,** que se estende do Senegal até a África do Sul, compreendendo todo o leste do continente a partir do sul da Somália: "Com mais de mil línguas e 260 milhões de falantes, concentrados na África Ocidental, central, oriental e meridional, e distribuídos em seis ramos: Atlântico ocidental, Mandê, Voltáico, Kwa, Benue-Congo, Adamaua Oriental e Cordofaniano" (Castro, 2001, p.28); b) **Cordofaniano**, não menos importante, está limitado a línguas faladas por pequenas comunidades na República do Sudão (Castro, 2002).

A família **Nilo-Saariana** estende-se por quase 6.000 km de leste a oeste, abrangendo regiões do Sudão, Etiópia, Uganda, Quênia, norte da Tanzânia e sul do Saara. Existem cem ou mais línguas faladas por cerca de 30 milhões de pessoas nessa área. As línguas mais populares dessa família são dinka, shilluk, nuer, massai e mangbetu, faladas no nordeste da República Democrática do Congo (Castro, 2002; Kukanda, 2020).

De acordo com Castro (2002), a família **Afro-Asiática** compõe cerca de 300 línguas, somando 250 milhões de falantes. Essas línguas são também faladas na Ásia. Seus ramos mais conhecidos incluem o semítico, que abrange o árabe e as línguas etíopes, o egípcio antigo, o berbere, o cuxítico e o chádico. Uma das línguas mais destacadas dessa família, pelo seu subgrupo etiópico, é a língua nacional da Etiópia, o amárico.

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1420

Outro grande tronco linguístico é o **Coissã** ou **Khoisan**. De acordo com Kukanda (2020), as línguas dessa família ocupavam possivelmente uma boa parte do continente africano antes da expansão dos povos que falam línguas de um dos ramos do Níger-Congo. Segundo Castro (2002), as línguas que pertencem ao tronco Khoisan são

> Usadas, hoje, na África do Sul, Namíbia, Botsuana e Angola. Sua característica marcante está no uso dos "cliques", razão por que são conhecidas como "línguas de clique". O termo é composto dos vocábulos khoikhoi (hotentotes) e san (bosquímanos), cada grupo com cerca de mil falantes. Consideradas as "primeiras línguas" da África do Sul, onde foram faladas por 8 mil anos (Castro, 2002, p. 36-37).

Como mencionado por Castro (2002), a principal característica desse tronco é o uso de "cliques" como fonemas, mas nota-se ainda um amplo uso de consoantes. Embora seja o grupo que abriga as línguas mais antigas, o Khoisan é considerado um grupo menor, possuindo somente cinco ramificações.

Silva (2021) mostra que as línguas **subsaarianas** ou **negro-africanas** se diferem das demais principalmente por possuírem um sistema de acento tonal. Castro (2002) explica que essa particularidade tem a capacidade de afetar o fonema ou um grupo de fonemas, isto é, a sílaba por uma intensidade maior (acento de intensidade ou dinâmico) ou por uma altura maior (acento de altura ou tons: alto, baixo ou médio representados na escrita pelo acento agudo [´], grave [`] enquanto o médio não possui marca formal [a]).

Diante dos diversos estudos realizados sobre a língua dos bastardos, pesquisadores como Greenberg, Petter e Castro mostram que as línguas da família bantu são as mais faladas em toda a África. Castro (2001) mostra que existem várias classificações para essas línguas, sendo a mais aceita a de Malcolm Guthrie, cuja primeira versão foi desenvolvida no final da década de 1940 e aprimorada, ao longo do tempo, pelo próprio autor e por outros pesquisadores.

É importante salientar que o povo bantu se encontra em um território amplo, embora menos densamente povoado em comparação com a África Ocidental. Eles falam uma variedade de línguas que remetem a um tronco linguístico comum, o Protobanto.

Segundo Castro (2002), as línguas dessa família apresentam um sistema de classes muito elaborado, que funciona por meio de prefixos nominais e abrange singular e plural dos nomes, aumentativos e diminutivos, vocativo e infinitivo dos verbos. Nessas línguas, os substantivos se enquadram em classes distintas, formando grupos que compartilham o mesmo prefixo e estabelecem a concordância com palavras dependentes, como adjetivos e pronomes.

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1420

Assim sendo, cada classe é determinada por três tipos de prefixo: verbal, nominal e pronominal. Em relação ao sistema vocálico, essas línguas são constituídas por sete vogais longas ou breves e não possuem nasais correspondentes (Castro, 2002).

Guthrie reuniu as línguas da família bantu, levando em consideração traços linguísticos comuns e a proximidade geográfica. Ele as classificou da seguinte forma: a) línguas diferentes que apresentam traços linguísticos em comum e estão geograficamente próximas, representadas por números; b) grupos divididos em 15 zonas representadas por letras maiúsculas (A, B, C, D...); c) dentro de cada zona, um número variado de grupos (1, 2, 3...), nomeados por uma ou duas línguas representativas, conforme Quadro 1 e Figura 2.

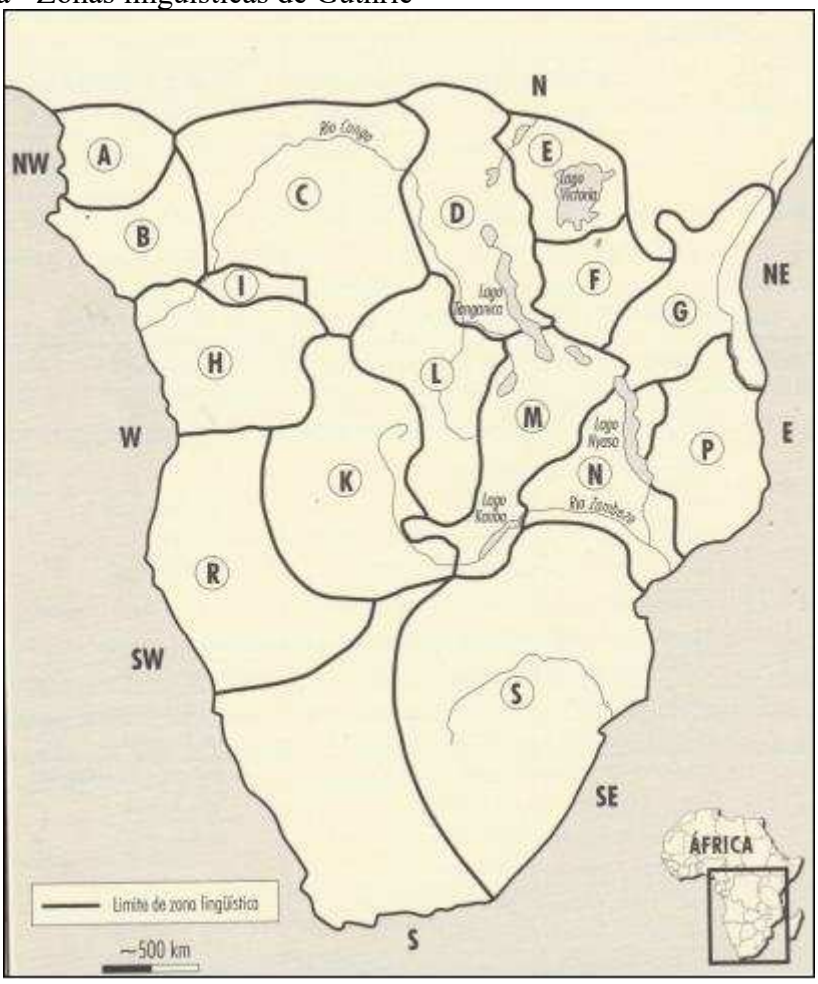
Quadro 1. Domínio bantu de acordo com Güthrie

ZONAS	PAÍSES ONDE SÃO FALADAS	LÍNGUAS
A	Camarões, Guiné, parte do Gabão.	Duala, fang...
B	Gabão ao Congo-Kinshasa, passando pelo Congo-Brazzaville.	Angico, batê, tequê...
C	Noroeste do Congo-Kinshasa até o Congo-Brazzaville	Gombê, tetela...
D	Nordeste do Congo-Kinshasa	Bembé, conjo...
D-E OU J	Nordeste do Congo-Kinshasa, Ruanda, Burundi, Uganda, parte de Quênia e da Tanzânia.	Ruanda-rundi, maçaba...
E	Maior parte de Quênia e norte da Tanzânia	Camba, curia...
F	Sul do Lago Vitória, na Tanzânia.	Tongue, sucana...
G	Centro da Tanzânia e na costa oriental	Suaíle, xambala...
H	Sul do Congo-Brazzaville, sudoeste do Congo-Kinshasa, noroeste de Angola.	Kikongo, kimbundu, jaga...
K	Nordeste de Angola até o Congo-Kinshasa, Zâmbia e Botsuana.	Quioco, pende...
L	Grupo Luba, centros sul do Congo-Kinshasa até a Zâmbia.	Songa, luba, lunda...
M	Zâmbia, com prolongamento até a Tanzânia, Congo-Kinshasa e Malavi.	Bemba, tonga...
N	Malavi, com prolongamento na Tanzânia.	Nianza, manda...
P	Costa oriental, Moçambique, Tanzânia e Malavi.	Macua, maconde...
R	Sul de Angola, Namíbia, com prolongamento para Botsuana.	Umbundu, herero...
S	Moçambique, Zimbabué, Botsuana, Lesoto, África do Sul.	Nona, ronga, zulo...

Fonte: Güthrie (1953) *apud* Castro (2002, p. 41)

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1420

Figura 2. Mapa - Zonas linguísticas de Güthrie



Fonte: Castro (2002, p. 42).

Além das famílias linguísticas mencionadas anteriormente, é possível destacar as línguas kwa, faladas no oeste africano. Essas línguas se distanciam das línguas bantu, pois, embora possuam as sete vogais orais, existem também as nasalizadas correspondentes (Silva, 2021). Diferenciam-se ainda por não possuírem gêneros gramaticais, nem derivados verbais, e sua estrutura silábica está ancorada no sistema CV, isto é, consoante-vogal (Castro, 2001).

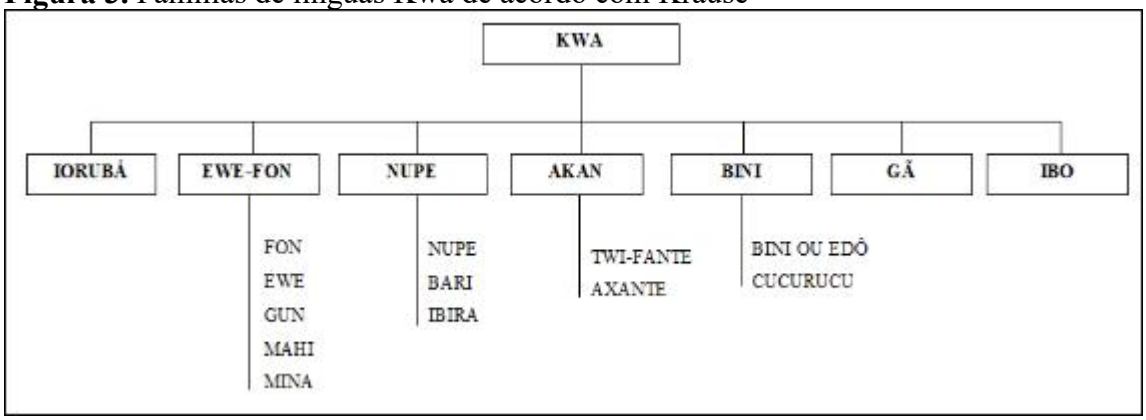
A primeira classificação dessas línguas foi dada por Krause, no ano de 1885, representada na Figura 3.

É importante destacar que tais línguas são faladas na parte ocidental da Costa do Marfim, sudeste de Gena, Tongo, Benin, ao longo dos portos de Aladá, Anexô, Uidá, Cotonu, Badagri e Lagos.

A classificação das línguas dos bastardos é um campo complexo e dinâmico que reflete a vasta diversidade cultural e histórica do continente africano. A partir das classificações de estudiosos como Greenberg e Guthrie, podemos compreender a distribuição e as relações entre as várias famílias linguísticas.

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1420

Figura 3. Famílias de línguas Kwa de acordo com Krause



Fonte: adaptado de Castro (2002)

Estudos como os de Castro (2001, 2002) e Kukanda (2020) destacam não apenas a complexidade dos sistemas gramaticais e vocálicos das línguas dos bastardos, mas também a importância de entender suas evoluções históricas e geográficas. A riqueza linguística da África, demonstrada por milhares de línguas e dialetos, continua a ser um campo de grande interesse e relevância para linguistas e antropólogos. Essa diversidade não só reflete a complexidade das culturas africanas, mas também oferece uma janela valiosa para a história e a migração dos povos ao longo dos séculos.

A classificação das línguas dos bastardos é fundamental para a compreensão da riqueza cultural do continente e para a preservação de seu patrimônio linguístico. As classificações existentes fornecem uma base sólida, mas o campo continua a evoluir com novas pesquisas e descobertas, prometendo aprofundar nosso entendimento das interconexões linguísticas e culturais da África.

A LÍNGUA DOS BASTARDOS NO BRASIL

A língua dos bastardos no Brasil refere-se à forma particular de português falada por filhos de pais portugueses e mães indígenas ou africanas durante o período colonial. Esse fenômeno linguístico emergiu como resultado do encontro e da convivência entre culturas diversas, especialmente em regiões onde a miscigenação era intensa. A partir dessa interação, surgiram novas formas de expressão que mesclavam elementos do português europeu com características das línguas indígenas e africanas, resultando em um português popular distinto do falado pela elite colonial.

Essa língua mestiça desempenhou um papel crucial na comunicação entre diferentes grupos étnicos e sociais. Nas plantações, nos centros urbanos e nas fronteiras coloniais, essa variedade do português funcionava como uma língua franca, facilitando a integração e a coesão social entre indivíduos de origens variadas. Nesse cenário multiétnico, a língua dos

ISSN: 2594-4754 | DOI: https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1420

bastardos incorporou vocabulário, estruturas gramaticais e entonações, sobretudo das línguas africanas, enriquecendo e diversificando ainda mais o português brasileiro.

É importante salientar que, ao longo dos séculos, a língua dos bastardos influenciou profundamente o desenvolvimento do português brasileiro. Expressões, gírias e formas de pronúncia que hoje são comuns no Brasil podem ser rastreadas até essas interações linguísticas e culturais. Essa herança linguística é um testemunho da resiliência e da capacidade de adaptação dos povos africanos, que conseguiram manter vivas partes significativas de suas identidades culturais, apesar da opressão e das tentativas de assimilação forçada.

Assim sendo, a preservação e o estudo da língua dos bastardos são essenciais para compreender a formação da identidade brasileira. Linguistas e historiadores continuam a explorar esses aspectos para revelar as camadas complexas de influência cultural e linguística no país. Reconhecer a contribuição dessas línguas e culturas na formação do português brasileiro não só enriquece o conhecimento histórico, mas também valoriza a diversidade cultural que constitui a essência do Brasil contemporâneo.

Petter e Cunha (2016) sustentam que a presença dos povos africanos foi significativa na formação da nação brasileira. Eles afirmam que, de acordo com os dados populacionais do Brasil colonial, até meados do século XIX, os portugueses e seus descendentes constituíam apenas um terço da população, enquanto os outros dois terços eram compostos por africanos e indígenas. Segundo os autores, "os africanos correspondiam à maioria e foram distribuídos pela maior parte do território nacional, fato que provocou sua maior interação com grande parte da sociedade da época" (Petter; Cunha, 2016, p. 221).

Diante dessa informação, Silva e Araujo (2022) mostram que não se pode negar que os povos africanos deixaram um grande legado no que se refere à formação da sociedade brasileira, muito menos desconsiderar a sua participação na composição cultural e linguística do português brasileiro.

As razões pelas quais os africanos foram trazidos para o Brasil eram meramente econômicas, isto é, ser escravizados na cultura da cana-de-açúcar, do fumo, do ouro, do algodão, do café, do arroz e na colheita de iguarias (Bonvini, 2008). Bonvini (2008) mostra, ainda, que suas respectivas línguas foram transplantadas a partir do momento em que houve a importação dessa mão de obra. Estima-se que essa importação tenha sido efetivada em grandes ciclos, a saber: o ciclo de Guiné, ocorrido no século XVI; o ciclo do Congo e de Angola, no século XVII; o ciclo da costa da Mina e da Baía do Benim, no século XVIII, e, no

ISSN: 2594-4754 | DOI: https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1420

século XIX, os negros eram importados de diversos lugares da África, no entanto, predominavam os de Angola e de Moçambique (Bonvini, 2008).

> É importante salientar que o contato entre as línguas africanas tenha sido promovido já durante o translado, uma vez que os negros eram agrupados nos porões dos navios e, inevitavelmente, praticavam a comunicação entre si. O contato das línguas africanas com a portuguesa, certamente, ocorreu também durante o processo de captura e importação dos africanos (Silva; Araujo, 2022 p. 179).

Dentro dessa perspectiva, Petter (2011) ressalta que o léxico tem sido registrado como uma das mais importantes provas do contato de línguas, visto que ele revela a história da língua e registra, consequentemente, os possíveis contatos linguísticos e culturais de seus falantes.

De acordo com Dante Lucchesi em sua obra "Língua e sociedade partidas" (2015), o contato entre línguas no Brasil colonial teve um impacto significativo na reestruturação morfossintática do português europeu, resultando na formação da variedade brasileira do português. Durante o período colonial, a interação entre falantes de diferentes línguas, incluindo as línguas indígenas, africanas e o próprio português europeu, criou um ambiente linguístico altamente diversificado. Esse contato intenso e prolongado levou a adaptações e mudanças na estrutura gramatical do português falado no Brasil.

Lucchesi (2015) argumenta que a reestruturação morfossintática foi um processo complexo, influenciado pela necessidade de comunicação entre grupos linguísticos diversos. Isso resultou em simplificações e modificações na morfologia e na sintaxe do português europeu. Por exemplo, muitas características do português brasileiro, como a redução de formas verbais e a simplificação de concordâncias nominais e verbais, podem ser atribuídas a esse processo de reestruturação.

Além disso, Lucchesi (2015) destaca que a formação do português brasileiro não foi apenas uma questão de incorporação de léxicos de outras línguas, mas uma transformação mais profunda que afetou a maneira como as sentenças são construídas e como os significados são expressos. A influência das línguas africanas e indígenas, combinada com o português europeu, criou uma dinâmica linguística que moldou o português brasileiro em uma variedade distinta, com suas próprias regras gramaticais e padrões de uso.

O contato entre as línguas já existia no continente africano antes mesmo da colonização portuguesa, uma vez que a África abriga grande quantidade das línguas do mundo. Embora cada sociedade tivesse a sua língua, elas não eram isoladas, pois praticavam a comunicação entre as comunidades mais próximas por razões políticas, sociais ou econômicas.

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1420

Segundo Petter (2016), as mais de 2.000 línguas africanas não representavam um obstáculo para a comunicação, porque os indivíduos estavam acostumados aos contatos com as línguas das comunidades mais próximas e de seus parceiros comerciais. No entanto, com o fenômeno da colonização, essa realidade passou a ter uma nova dinâmica de convivência linguística, uma vez que o colonizador utiliza sua língua como forma de dominação, desvalorizando, assim, as línguas autóctones.

APRESENTAÇÃO DE ALGUNS DADOS LEXICOGRÁFICOS SOBRE A LÍNGUA DOS BASTARDOS

O léxico das línguas dos bastardos no Brasil, resultado da interação entre portugueses, indígenas e, sobretudo, africanos é uma rica tapeçaria que reflete a complexa história de miscigenação cultural e linguística do país. Desde o período colonial, a incorporação de palavras e expressões de origem africana no português brasileiro criou uma língua única. Essa assimilação de léxico é evidente em diversas áreas da vida cotidiana, incluindo culinária, música, religião e até na estrutura social e familiar.

Na culinária, por exemplo, muitos dos termos que atualmente estão presentes no acervo lexical do português brasileiro têm origem africana. Essa influência léxica é um testemunho da maneira como diferentes culturas se fundiram para criar uma identidade singular. A religião também é um campo em que o léxico das línguas dos bastardos é proeminente. Candomblé, umbanda e outras religiões afro-brasileiras introduziram inúmeros termos de origem africana no vocabulário do português brasileiro.

Esses termos são essenciais não apenas para a prática religiosa, mas também para a compreensão das cosmologias e das filosofias de vida transmitidas pelas comunidades africanas no Brasil, refletindo a persistência e a adaptação das tradições religiosas africanas no Novo Mundo.

O léxico das línguas dos bastardos no Brasil é uma parte essencial da identidade linguística e cultural do país. A incorporação de palavras africanas no português brasileiro não só enriqueceu a língua, mas também ajudou a preservar aspectos importantes das culturas desses povos. Portanto, estudar e reconhecer essa herança léxica é crucial para uma compreensão mais profunda da história e da diversidade cultural do Brasil.

Diante disso, torna-se inegável a intensa participação dos povos africanos na composição do acervo lexical do português falado no Brasil. Petter (2013) mostra que isso ocorreu devido ao contato entre as línguas dos bastardos e o português dos colonizadores. Esse acervo está registrado nos inventários lexicais de base africana no português brasileiro.

ISSN: 2594-4754 | DOI: https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1420

Diante disso, afirma-se que o léxico[4] da língua dos bastardos contribuiu de forma intensa para a constituição do português brasileiro: "Muitas palavras[5] de origem africana que estão presentes no português falado no Brasil foram incorporadas à língua, esse fenômeno pode ser denominado de empréstimo lexical, que é inerente a qualquer língua" (Silva; Araujo, 2022, p. 184).

Bonvini (2008) afirma que o "empréstimo linguístico é um fenômeno sociolinguístico normal e frequente. Resulta do contato de línguas. Durante esse contato, ocorre habitualmente uma troca bilateral entre falante que usam línguas diferentes" (Bonvini, 2008, p. 103). Assim, é possível perceber que a língua portuguesa, ao entrar em contato com as línguas dos bastardos, passou por esse processo de importação lexical[6].

O empréstimo linguístico, por assim dizer, "é a capacidade corrente e normal de toda língua apropriar-se dos termos necessários a sua própria expressividade, qualquer que seja a sua origem, quando o contexto discursivo novo exige" (Bonvini, 2008, p. 103).

A seguir, expõem-se algumas lexias de origem da língua dos bastardos, presentes no português brasileiro. É importante salientar que essas lexias foram selecionadas com base na pesquisa de Silva (2021), que traz em seu bojo um glossário de lexias de línguas africanas.

Bagunça: a lexia é apresentada por Castro (2001) como de origem bantu, originado do kikongo *bulungunza*, que significa desordem, confusão, baderna ou remexido. No entanto, é possível perceber ainda que a lexia, embora se refira à ausência de ordem, falta de organização ou tumulto, pode variar de acordo com o contexto em que está sendo empregada, isto é, levando em consideração seu sentido mais informal, referindo-se a festas agitadas, com muitas pessoas, que não é a preferência do informante, conforme exemplo abaixo:

(1) A *bagunça* na sala de estar era tanta que não se conseguia encontrar nada no meio da desordem.

(2) Ontem à noite, tivemos uma *bagunça* incrível em casa, com muita música, dança e diversão.

Diante disso, percebe-se que o termo "bagunça" assume dois sentidos distintos, que dependem do contexto empregado: formalmente, referindo-se às acepções registradas em

[4] O léxico, de acordo com Antunes (2012, p. 27), pode ser visto como o amplo repertório de palavras de uma língua, ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação. Ao lado da gramática, mais especificamente junto à morfossintaxe e à fonologia, o léxico constitui o outro grande componente da língua. Para Rey-Debove (1984, p. 50), o léxico é, comumente, entendido como "o conjunto das palavras de uma língua".

[5] A palavra pode ser entendida considerando três aspectos: fonológico, sendo uma sequência fônica, que constitui uma emissão completa; gramatical (morfossintático) assumindo a função dos marcadores morfossintáticos que apresentando e a função que exerce na sentença e semânticos, que é a identificação da unidade léxica expressa no discurso (Biderman, 2001, p. 104).

[6] De acordo com Bizzocchi (2007), a importação lexical pode ser direta, a partir da própria língua criadora a palavra, ou indireta, quando importa elementos lexicais de línguas nas quais tais elementos também são resultado de importação. A importação lexical aqui tratada refere-se à apropriação de léxicos de uma língua por outra.

ISSN: 2594-4754 | DOI: https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1420

dicionário; ou informalmente, à diversão feita de modo muito barulhento, com muitas pessoas reunidas (Silva, 2021).

Batuque: de acordo com Castro (2001), o lexema é de origem bantu, presente no kimbundu e kikongo, que significa ruído, som muito forte, ação de fazer ruído com batimentos rítmicos.

(1) O *batuque* das ferramentas na oficina fazia uma bagunça tão grande que era difícil se concentrar no trabalho.

(2) A festa de Oxóssi foi animada com um *batuque* contagiante que fez todo mundo dançar.

Dessa forma, a palavra em questão está em consonância com a definição de Castro (2001), haja vista que ao ritmo de instrumentos são dadas não somente as danças, mas ainda compõem parte de um ritual espiritual de determinada cultura.

Assim, é importante lembrar a afirmação de Biderman (1996) de que o legado cultural de um povo é passado para as novas gerações por meio da linguagem. A língua constitui-se em um veículo fundamental para isso, e o léxico da língua é a forma constituída por símbolos linguísticos, que permite a transmissão dessa cultura.

Cabaça: de acordo com Coutinho (2010), o termo está dentro do campo semântico dos utensílios em geral e significa saco, alforje ou mochila. É proveniente do kimbundu, *kabasa*. Castro (2001, 2002) atesta o mesmo para a lexia, adicionando ainda a variante *mabaça* em kikongo.

A pesquisa de Silva (2021) mostrou que, embora o termo possua um significado, classificado como um utensílio de uso cotidiano, é possível que a palavra seja empregada com outro significado. É interessante perceber que, de acordo com o dicionário virtual *Infopédia*, *cabaça* pode ter outra acepção em kimbundo como a criança gêmea que nasce em segundo lugar, conforme mostrado a seguir.

(1) Aquela criança é a *cabaça*, porque nasceu em segundo lugar, portanto, é portadora de sorte especial.

(2) As pessoas do nordeste do Brasil geralmente armazenam água em *cabaça*.

Caçula: a lexia designa o mais novo dos filhos ou dos irmãos; o último a se manifestar; o filho mais mimado (Castro, 2001). Silva (2021) traz a lexia afirmando que, de acordo com Alkmim e Petter (2014), já foi apresentada por Beaurepaire (1956 [1889]) e Macedo Soares (1954-1955 [1875-1888]) e apresenta até os dias atuais o mesmo significado e etimologia, kikongo (*kasuka*), kimbundu (*kasule*) e umbundu (*okwasula*).

(1) Carmelita falou que o seu filho *caçula* estuda fora do país.

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1420

(2) Aquele é o *caçula* dos meus irmãos.

No ambiente familiar, o caçula é frequentemente visto como o protegido, muitas vezes recebendo cuidados especiais e uma atenção diferenciada dos pais e dos irmãos mais velhos. Essa dinâmica pode resultar em um tratamento mais carinhoso e, em alguns casos, pode também levar a percepções de favoritismo ou de maior liberdade em comparação com os irmãos mais velhos, que tendem a receber responsabilidades maiores desde cedo.

Culturalmente, essa lexia é carregada de nuances que refletem a estrutura e os valores familiares. Em muitas famílias brasileiras, o caçula é associado a uma figura de doçura e inocência, frequentemente sendo o foco das brincadeiras e das interações familiares mais leves. No entanto, o papel do caçula também pode envolver expectativas de perpetuar tradições familiares ou de assumir cuidados com os pais na velhice, um papel que varia conforme a dinâmica e as necessidades da família (Silva, 2021).

Linguisticamente, caçula é um exemplo interessante de como palavras de origem africana foram incorporadas e adaptadas ao português brasileiro, enriquecendo o vocabulário com termos que refletem aspectos específicos da cultura local. Essa incorporação ilustra a influência das línguas dos bastardos na formação do português falado no Brasil, destacando a importância da diversidade linguística na construção da identidade nacional.

Caruru: segundo Castro (2001), a palavra é de origem bantu, do kikongo kalulu e kimbundo kalalu. É uma iguaria tradicional da culinária afro-brasileira, especialmente popular na região nordeste do Brasil. É preparada principalmente com quiabo cortado e temperado com azeite de dendê, camarões secos, cebola e pimenta. Em algumas variações, o caruru pode ser feito com folhas de bredo e peixe, além de ingredientes como amendoim e castanha de caju. Está comumente associado a festividades religiosas e celebrações, como a festa de Cosme e Damião.

A palavra está intrinsecamente ligada às tradições culturais e religiosas afro-brasileiras, sendo um prato comum em oferendas em rituais do candomblé e da umbanda. Possui um forte significado espiritual, muitas vezes preparado em celebrações religiosas para orixás e santos, refletindo a mistura de influências africanas e brasileiras.

Embora caruru seja reconhecido em todo o Brasil, suas receitas e significados podem variar regionalmente, refletindo adaptações locais e influências culturais específicas. Em suma, a palavra "caruru" possui uma rica carga semântica, refletindo a diversidade cultural e linguística do Brasil. Seu uso abrange desde a culinária até aspectos culturais e religiosos, destacando a importância das tradições afro-brasileiras na formação da identidade nacional.

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1420

Fubá: o termo é proveniente do kikongo e kimbundu, mfuba. Significa farinha de milho ou arroz (Castro, 2001). Na concepção de Coutinho (2010), além da farinha de milho ou arroz; serve ainda para preparar angu. Assis Júnior (1947) classifica o termo como pó derivado da moagem de um cereal, raiz farinácea ou legume seco. Pode ser ainda a fécula da mandioca com que se manipula funje; farinha feita de makoka ou batata doce seca ao sol. Alkmim e Petter (2014) mostram que o termo já foi analisado por Beaurepaire (1956 [1889]) e Macedo Soares (1954-1955 [1875-1888]) e apresentado até os dias atuais o mesmo significado e etimologia.

O fubá é um ingrediente que vai além da culinária, sendo um símbolo da adaptação e resistência cultural dos povos africanos que foram trazidos ao Brasil. A farinha de milho se tornou um alimento básico que foi incorporado à dieta brasileira, refletindo a fusão de práticas alimentares indígenas, africanas e europeias.

Também desempenha um papel significativo em festividades culturais como as festas juninas, em que pratos feitos com fubá são comumente servidos. Isso demonstra como ingredientes simples podem adquirir um valor cultural profundo e se transformar em símbolos de identidade regional.

Quiabo: Castro (2001) mostra que a lexia é de origem bantu, mais precisamente das línguas kikongo e kimbundu, significando o fruto do quiabeiro, um ingrediente típico da culinária afro. Na acepção de Assis Júnior (1947), a palavra também é descrita como proveniente de kikongo, planta malvácea de folhas e fruto comestíveis. Trata-se de um substantivo masculino, usado no singular (quiabo) e no plural (quiabos). Refere-se ao fruto comestível da planta *Abelmoschus esculentus*, que é amplamente utilizado na culinária brasileira. O fruto é conhecido por sua textura viscosa quando cozido, sendo um ingrediente popular em pratos como o caruru e o quiabo com carne.

O quiabo é particularmente importante na culinária nordestina e mineira. Pratos tradicionais como o caruru, que combina quiabo com camarão seco e azeite de dendê, destacam a importância cultural e gastronômica desse ingrediente. Além de seu uso culinário, o quiabo é valorizado por suas propriedades nutricionais. É uma boa fonte de vitaminas, minerais e fibras, sendo recomendado em dietas saudáveis.

A presença do quiabo, não apenas no acervo lexical, mas também na culinária brasileira, é um testemunho da influência africana. Ele representa a adaptação e a resistência cultural dos africanos escravizados que trouxeram consigo seus conhecimentos agrícolas e culinários. Assim sendo, é um símbolo da rica herança cultural do país. Sua etimologia

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1420

africana e seu uso disseminado em pratos tradicionais ilustram a fusão de influências culturais que moldaram a culinária brasileira.

Embora as lexias analisadas apresentem os sentidos tradicionais encontrados nos dicionários, é importante ressaltar que, conforme Bonvini (2008, p. 33) afirma, as línguas africanas foram submetidas a possíveis rupturas semânticas e dialógicas. A ruptura semântica foi a mais significativa, pois os sentidos das palavras se tornaram cada vez mais obsoletos, não refletindo mais a realidade africana. A ruptura de ordem dialógica refere-se ao contato inabitual das línguas autóctones africanas com novas línguas, convivendo no mesmo espaço.

As lexias descritas revelam não apenas a riqueza e a diversidade das línguas dos bastardos no contexto brasileiro, mas também os desafios enfrentados por essas línguas ao longo do tempo. As rupturas semânticas e dialógicas destacam a complexa dinâmica de adaptação e transformação que essas lexias sofreram, muitas vezes perdendo seu vínculo com a realidade original africana. No entanto, essas palavras ainda carregam significados profundos e refletem a interseção cultural que caracteriza a identidade linguística brasileira. Reconhecer e estudar essas lexias é essencial para compreender a evolução linguística e cultural do Brasil, valorizando a herança africana e seu impacto contínuo na sociedade contemporânea.

CONCLUSÕES

A análise das línguas africanas, estigmatizadas como línguas dos bastardos em decorrência do colonialismo português, revela uma realidade complexa e profundamente enraizada na história colonial e pós-colonial. A designação pejorativa de “bastardos” atribuída a essas línguas reflete a dominação e a subjugação impostas pelos colonizadores, ocultando sua rica complexidade e importância cultural para as comunidades que as falam.

Dessa forma, durante o período colonial, as línguas africanas foram frequentemente vistas como formas inferiores de comunicação. Essa visão depreciativa reflete a tentativa de impor a hegemonia cultural e linguística dos colonizadores, além de negar a diversidade e a riqueza das tradições linguísticas das sociedades africanas. No entanto, essas línguas não são simplesmente produtos de uma mistura aleatória de línguas; são sistemas linguísticos complexos que evoluíram para atender às necessidades de comunicação e identidade das populações colonizadas.

A resistência cultural expressa pelas línguas dos bastardos é evidente em sua persistência, ao longo dos séculos, apesar das políticas assimilacionistas e da supressão linguística impostas pelos colonizadores. Essas línguas sobreviveram à tentativa de erradicação cultural, tornaram-se veículos de resistência, resiliência e identidade cultural para

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1420

milhões de pessoas. Por meio das línguas africanas, as comunidades puderam preservar suas tradições, mitos, histórias e valores, transmitindo-os de geração em geração, mesmo sob condições adversas de opressão colonial.

Assim, a valorização das línguas dos bastardos é essencial para a compreensão histórica e cultural das sociedades pós-coloniais e para promover a justiça linguística e combater o estigma associado a essas formas de expressão. Portanto, reconhecer o papel central das línguas africanas na formação da identidade cultural das comunidades é um passo crucial para reparar as injustiças históricas impostas pelo colonialismo e para promover a inclusão e a diversidade linguística no contexto global contemporâneo.

Por fim, as línguas dos bastardos, vítimas do colonialismo português, não são apenas instrumentos de comunicação; são testemunhos vivos da resiliência humana diante da adversidade. Valorizar e estudar essas línguas enriquece o entendimento da história colonial e fortalece os esforços para preservar a diversidade linguística e cultural como um patrimônio global compartilhado. A pesquisa contínua e o apoio às línguas africanas são essenciais para assegurar que suas vozes sejam ouvidas e suas contribuições culturais sejam devidamente reconhecidas e celebradas no cenário mundial contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tania; PETTER, Margarida. Palavras da África no Brasil de ontem e de hoje. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida(Org.). **África no Brasil**: a formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2008, p. 145-178.

ANTUNES, Irandé.O léxico de uma língua.In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.).**O território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 27-49.

ASSIS JUNIOR, Aantónio de. **Dicionário Kimbundu-Português Linguístico, Botânico, Histórico e Corográfico seguido de um índice alfabético dos nomes próprios**. Luanda: Argente, Santos e Comp., 1947.

BEAUREPAIRE-ROHAN, Visconde de. **Dicionário de vocabulário brasileiro**. Salvador: Livraria Progresso, 1956 [1889].

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A expansão do léxico. Neologismos. In: BIDERMAN, Maria Tereza Camargo**. Teoria linguística:** teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 203-213.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do Léxico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. (Org), **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia, terminologia. 2 ed. Campo Grande: Ed UFMG, 2001, p. 13-22

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 40, 1996, p. 27-46.

BIZZOCCHI, Aldo. Gênese lexical nas línguas europeias ocidentais: a influência greco-latina e o perfil ideológico do léxico. **Revista Letra Magna**, n.06, 2007 p 1-12

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1420

BONVINI, Emilio. Os vocabulários de origem africana na constituição do português falado no Brasil. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida. (Org.) **África no Brasil**: a formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2008, p. 101-144.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **A língua mina-jeje no Brasil**. Um falar africano em Ouro Preto no século XVIII. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Séc. de Estado da Cultura, 2002.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

COUTINHO, Nilton Ribeiro. **Dicionário:** palavras oriundas de línguas que mais contribuíram para a formação da língua portuguesa falada no Brasil: africanas, árabe, espanhola, francesa, inglesa, italiana e tupi. Salvador: Quarteto Editora, 2010, p. 25-92.

KUKANDA, Vatomene. Diversidade linguística em África. **Africana Studia**, n. 3, p.101-107, 2020.

LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partidas**. São Paulo: Contexto, 2015.

LUCCHESI, Dante. O conceito de glotocídio. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Língua materna**: letramento, variação e ensino. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 45-62.

MACEDO SOARES, António Joaquim. **Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954-1955 [1875-1888].

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Aspectos morfossintáticos comuns ao português angolano, brasileiro e moçambicano. **PAPIA-**Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 201-220, 2010.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Línguas africanas no Brasil. **África**, Niterói, n. 27-28, p. 63-89, 2007.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Uma hipótese explicativa do contato entre o português e as línguas africanas. **PAPIA-Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 9-19, 2008.

PETTER, Margarida; CUNHA, Ana Stela. Línguas africanas no Brasil. In: PETTER, Margarida. **Introdução à Linguística Africana**. São Paulo: Contexto, 2016, p. 221-250

REY-DEBOVE, Josette. Léxico e dicionário. **Alfa (Araraquara),** São Paulo, v. 28, p. 45-69, 1984.

SILVA, Josimar Santana. **Léxico de origem africana no português falado em Luanda.** 2021,152f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2021. Disponível em: http://tede2.uefs.br:8080/bitstream/tede/1450/2/DISSERTACAO%20%281%29.pdf. Acesso em: 29 mai. 2024.

SILVA, Josimar Santana; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. Lexias de origem africana no português falado em Luanda-Angola (Lexical units of African origin in Portuguese spoken in Luanda-Angola). **Estudos da Língua (gem)**, v. 21, n. 1, p. 167-189, 2023. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/10233. Acesso em: 29 mai. 2024.

SILVA, Josimar Santana; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. Léxico de línguas autóctones africanas presente no português falado na comunidade de Mussuca, no estado de Sergipe. **Travessias Interativas**, n. 26, p. 177-190, 2022. DOI: https://doi.org/10.51951/ti.v12i26.p177-190

Revista Macambira

Informações do Artigo	Article Information
Recebido em: 28/06/2024 **Aceito em**: 25/08/2024 **Publicado em**: 30/09/2024	**Received on**: 06/28/2024 **Accepted in**: 08/25/2024 **Published on**: 09/30/2024
Conflitos de Interesse O autor declara não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmico, político e financeiro referente a este manuscrito.	**Interest conflicts** The author declare that there is no personal, commercial, academic, political or financial conflict of interest regarding this manuscript.
Como Citar este artigo - ABNT SILVA, Josimar Santana. A língua dos bastardos vítimas do colonialismo português. **Revista Macambira**, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081035, jan./dez., 2024. https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1420	**How to cite this article - ABNT** SILVA, Josimar Santana. The language of bastards victims of portuguese colonialism. **Revista Macambira**, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081035, jan./dez., 2024. https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1420
Licença de Uso A Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, mesmo que comercialmente, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.	**Use license** The Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License (CC BY 4.0). This license allows sharing, copying, redistributing the manuscript in any médium or format. In addition, it allows adapting, remixing, transforming and building on the material, even commercially, as long as due credit for authorship and initial publication in this journal is attributed.
O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – Brasil (FAPESB) - Código de Financiamento 0240/2021.	This study was carried out with the support of the Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - Brazil (FAPESB) - Código de Financiamento 0240/2021.